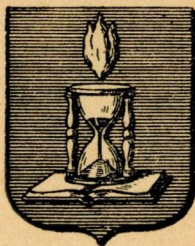
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM XC

ETNOGRAFIA
e
LINGUA TUPI-GUARANI

N.º 14

Carlos Drumond

NOTAS SÔBRE ALGUMAS TRADUÇÕES DO PADRE NOSSO EM TUPI-GUARANI

S. PAULO — BRASIL
1 9 4 8

CARLOS DRUMOND

NOTAS SÔBRE ALGUMAS TRADUÇÕES DO PADRE NOSSO EM TUPI-GUARANI

SÃO PAULO — BRASIL
1948

Ao

DR. JUAN FRANCISCO RECALDE,

que com tanto amor se dedicou ao estudo dos idiomas ameríndios, e que com tanta elegância e sinceridade prestigiou a Cadeira de Etnografia e Língua tupi-guarani, as homenagens

de

Plínio Ayrosa, Carlos Drumond, Jürn J. Philipson e Eduardo Ayrosa.

Estas notas pretendem apenas comparar algumas traduções do Padre Nosso em tupi-guarani, não comportando por isso o desenvolvimento, que se poderia desejar, de seus aspectos semânticos e morfológicos, os quais por si só exigiriam trabalho à parte. É justo declararmos não ser a primeira vez que trabalho semelhante é elaborado, pois em 1880 Batista Caetano já publicara o seu excelente estudo *Ñande rúba* ou a *Oração dominical em abañeênga.**

Tentamos dar, entretanto, às nossas notas, características diferentes das de Batista Caetano, restringindo-nos à análise e tradução de vocábulos e frases, que julgamos ser mais interessantes para o estudo comparativo das diversas modalidades apresentadas pelo tupi-guarani e postas em evidência pelos textos escolhidos.

As traduções escolhidas para comparação encontram-se nas obras abaixo relacionadas,** ilustrativas do tupi-guarani falado na zona das Missões (Montoya), no litoral brasileiro (Betendorf) e na amazônia (Costa Aguiar). A versão registrada por Eduardo Saguier representa o guarani moderno, falado hoje no Paraguai e na Argentina

---

* Almeida Nogueira, Batista Caetano de — *Apontamentos sôbre o Abañeênga, também chamado guarani ou tupi ou Lingua geral dos Brasis. Ñande rúba ou a Oração dominical em abañeênga. In* "Ensaios de Sciencia", por diversos amadores. F. III, Rio de Janeiro, 1880.

** 1) Montoya, Antonio Ruiz de — *Catecismo de la Lengua Guarani.* Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann — Leipzig, 1876. Cf. pp. 2/3. A primeira edição do *Catecismo* é de 1640.

2) Betendorf, João Filippe — *Compendio da Doutrina Christãa na Lingua Portugueza, e Brasilica.* Lisboa, 1800. A primeira edição é de 1687. Cf. p. 2.

3) Saguier, Eduardo — *El Idioma Guarani.* Buenos Aires, 1946. Cf. p. 103.

4) Rivet, Paul — *Les langues guaranis du Haut-Amazone — Cathéchisme. In* Journal de la Société des Américanistes de Paris, Nouvelle Série, tome VII, Paris, 1910. O Catecismo publicado por Rivet foi estraido da obra de Federico Gonzales Suarez : *Prehistoria ecuatoriana. Ligeras reflexiones sobre las razas indígenas, que poblaban antiguamente el territorio del Ecuador.* Quito, 1904. No Journal de la Société o Catecismo ocupa as pp. 169/171. Consta apenas de doze perguntas e doze respostas. O Padre Nosso ocorre às pp. 168/169.

5) Costa Aguiar — *Christu Muhençáua çurimaan-uaára arama nhihingatú rupi.* Petropolis, 1898. Cf. p. 37.

6) Giacone, Pe. Antonio — *Pequeno Catecismo em Português e Nheengatú.* Para uso das Missões Salesianas da Prelazia do Rio Negro — Amazonas, 1944. Este trabalho não traz o nome do autor, mas sabemos ser de autoria do referido Padre. No exemplar que se encontra na biblioteca do Gabinete de Etnografia de nossa Faculdade há uma dedicatória do Padre Giacone.

(Corrientes) ; a do Padre Giacone reflete o nheengatú atual, enquanto que a citada por Rivet denota um dos aspectos dialetais mais interessantes do tupi guarani.***

Para mais fácil confronto das traduções, com exceção da em omágua, transcrevemo-las de acôrdo com o sistema ortográfico adotado pela Cadeira de Etnografia e Língua tupi-guarani de nossa Faculdade. Mantivemos a mesma grafia de Rivet, na versão omágua, por falta de qualquer informação relativa ao valor dos fonemas adotados. Como grande número de vocábulos não parece ser tupi-guarani, não quizemos incorrer em possíveis enganos ortográficos, sempre prejudiciais aos estudiosos.

As versões foram divididas em 8 partes, as quais por sua vez foram analizadas separadamente, facilitando deste modo o estudo do Padre Nosso.

As traduções do Padre Nosso em tupi-guarani, objeto destas notas, são as que vêem em seguida, dispostas em ordem cronológica, isto é, de acôrdo com a data de publicação das obras citadas.

1640 — Montoya

Oré rúba ybápe ereímbae. Imbojerobiaripýramo nde réra toikó. Toú nde rekó marangatú orébe. Nde remimbotára tijajé ybýpe ybápe ijajé jabẽ. Oré rembiú ára ñabonguára emeẽ koára pýpe orébe. Nde ñyrõ oré iñangaipábae upé, orébe marãhár upé oré ñyrõ nungá. Haé oré poejár ymé toremboá ymé angaipá. Oré pysyrõ epé katú mbaé pochý gui. Amen Iesus.

1687 — Betendorf

Oré rúb ybákipe tekoár. Imoetepýramo nde réra toikó. Toúr nde reino. Toñemoñáng nde remimotára ybýpe ybákipe iñemoñánga iabé. Oré rembiú ára iabiondoára eimeéng korí orébe. Nde ñirõ oré angaipába resé orébe, oré rerekó memoãsára supé oré ñirõ iabé. Oré moár ukár umé iepé tentação pupé. Oré pysyrõ té iepé mbaé aíba suí. Amen Jesus.

*** Os Omáguas viviam primitivamente nas ilhas do Amazonas, entre a embocadura do Napo e do Juruá. Quando do ataque dos portugueses nos fins do século XVII, emigraram e foram fundar uma aldeia, que passou a ser conhecida pelo seu nome, nas proximidades da embocadura do Ucayali. Constituem, assim, um dos ramos mais avançados para noroeste do tupi-guarani. A versão do Padre Nosso em omágua, parece-nos, é pela primeira vez analizada e confrontada com outras, embora Batista Caetano tenha feito referências à ela no seu *Ñandê Rúba.*

Nossa análise veio corroborar, de maneira insofismável, a assertiva geral de que o omágua é um dialeto tupi-guarani, embora eivado de elementos extranhos, os quais todavia são insuficientes para o situar à parte, como língua autônoma.

1898 — Costa Aguiar

Iané Paia iné reikú uahá iuáka upé. Ne réra iumuité. Iúri ne iarasáua iané árape. Iumuñã ne remutára iké yuhýpe mahí iuáka upé. Iané miapé ára iaué remehẽ iané árama uhihí ára. Reperduári iané uatári, mahí iané iaperduári amuitá uatári. Tehẽ rechiári iané iáari sekú puchí kytý. Repysyrú iané upaĩ mahã puchí suí. Iaué.

1910 — Rivet

Tanu papa ehuati-rami-kate yuriti-mkui. Ene scira tenera muča-mura. Ene nua-mai ritama tener-uri tanu-in. Ene putari tenera yahucke-mura maera-mania ehuate-mai ritama kate maerai veranu aikiara tuyuka ritama-kate veranu. Tanu eok-mai ne-yume ikume tanu-supe. Tenepata-tanu tanu eraekma-mai-kana maera-mania tanu tenepata tanu sahuayara-kana. Ename ne-išari tanu ukukui maka eraekma-mai. Ayaisi-marae-sui ni-munuy-epata-tanu.

1944 — Giacone

Iané Paia reuikú iuáka opé. Poránga iaserúka ne réra. Reiúri iané píri. Iumuñã ne remutára iké iuhípe mahié iuáka opé. Chimbiú remehẽ iané árama uhihí ára. Reperdoári iané pecadoaitá iaué iaperdoári iané ruianianaitá. Tehẽ rechári uaári puchí kití. Repisirú iané upaiñẽ puchí suí. Iaué.

1946 — Saguier

Oré rú reiméba ybágape. Taiñemboeté nde réra. Toú orébe mbaé porã pabẽ ne retameguá. Tojejapó hekópe ne rembipotá upé ybágape, upéicha abeí ko ybý ári. Oré rembiú ñabõ araguá emeẽ orébe ánga. Haé ñyrõ orébe oré angaipá kuéra, upé oré roñyrõ háicha abeí oré amotareý kuérape. Ha aní rehejá rohó rojepyaraã haguáme. Oré pysyrongué imbaé ibaíba gui. Ta upéicha.

Antes de passarmos à análise destas traduções, achamos necessário dizer algumas palavras sôbre o método seguido. Tomamos a tradução de Montoya como base e a dividimos nas 8 partes seguintes :

1 — *Orérúba*
2 — *Ybápe ereímbae*
3 — *Imbojerobiaripýramo nde réra toikó*
4 — *Toú nde rekó marangatú orébe*
5 — *Nde remimbotára tijajé ybýpe ybápe ijajé jabẽ*
6 — *Oré rembiú ára ñabonguára emeẽ koára pýpe orébe*

7 — *Nde ñyrõ oré iñangaipábae upé, orébe marãhár upé oré ñyrõ nungá.*

8 — *Haé oré poejár ymé toremboá ymé angaipá. Oré pysyrõ epé katú mbaé pochý gui. Amen Iesus.*

Cada frase acima será analizada em conjunto com a sua correspondente nas outras traduções. Assim, por exemplo, *imbojerobiaripýramo nde réra ioikó* (Montoya) será confrontada com *imoetepýramo nde réra toikó* (Betendorf), *ne réra iumuité* (Costa Aguiar), *ene scira tenera muča-mura* (Rivet), *poránga iaserúka ne réra* (Giacone) e *taiñemboeté nde réra* (Saguier).

Isto posto, passemos ao confronto das traduções.

1 — *Oré rúba* — Padre Nosso

Neste vocativo foram empregados os dois pronomes da 1.ª pessoa do plural — *oré* e *jandé* —, exclusivo e inclusivo. Nas traduções de Montoya, Betendorf e Saguier ocorre o primeiro ; nas de Giacone e Costa Aguiar o segundo. Batista Caetano (1) condena o emprego, por parte dos jesuitas, do pronome exclusivo, afirmando que o vocativo *oré rúba* refere-se únicamente ao pai dos cristãos, excluindo os índios. *Ñandé* ou *jandé rúba*, assevera ainda este autor, teria sido vocativo melhor empregado, pois assim Deus seria designado como Padre Nosso "com a maior generalidade, pai de nós todos sem exclusão de ninguém e de nada". Consequentemente, verificamos que sómente as versões nheengatús estão de acôrdo com o modo de pensar de Batista Caetano.

Atentando ao fato dos nomes acentuados na penúltima sílaba perderem a última vogal no vocativo (2), notamos que apenas Betendorf seguiu este preceito gramatical, pois é o único a registrar *rúb*.

O *rú* da versão registrada por Saguier denota uma das peculiaridades linguísticas do guarani falado no Paraguai, isto é, a frequência da apócope da consoante final.

Tanu, do omágua, que funciona como pronome pessoal da primeira pessoa do plural e como adjetivo possessivo — nós e nosso — não parece ser vocábulo tupi-guarani. Além deste pronome, os Omáguas usavam também *jené* (*yenné*), forma alterada de *jandé* ou *jané*. Achamos

1) — Cf. Almeida Nogueira, Batista Caetano de, o. c. p. 90.

2) — Anchieta, Pe. José — *Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil.* Edição da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1933. Cf. pp. 8 e 8v. "Os nomes não tem casos nẽ numeros distinctos salvo vocativo, com esta diferença, a saber, q̃ os que tem acento na última, nada mudão, vt *abá*, em todos os casos. Os que o tẽ na penúltima perdem a última vogal no vocativo, vt *túba, túb, xérúba, xerúb, vel, xérúp, xéraira, xerair, vel xérait.*"

interessante *jené* não ocorrer, uma única vez, na versão do Padre Nosso em omágua. Por outro lado, no Catecismo (3), não se encontra o emprego de *tanu*.

Paia usado no nheengatú, segundo tudo indica, é a palavra portuguêsa *pai* acrescida de um *a* paragógico. A forma *túba* não é empregada, e parece-nos não ser mesmo conhecida atualmente. Stradelli (4) assevera que, sendo ou não nheengatú, *paia* é a única forma usada em todo Amazonas — ao lado de *maia* ou *manha*, cuja significação é *mãe*. A mesma dúvida se apresentou a Batista Caetano (5) a respeito da origem da palavra *paí* (padre, sacerdote, ancião, pai). Será tupi-guarani ou oriunda do espanhol ou português? O certo é que era corrente, ao lado de *túba*, tanto no tupi litorâneo, como no guarani da região das Missões (6).

2 — *Ybápe ereímbae* — que estás no céu.

Ybág é o vocábulo de uso corrente no guarani para designar céu. No tupi da costa aparece a forma *ybák*, com o fonema *k* e não *g*. Aliás, a ocorrência destes fonemas finais — *g* e *k* — constitui um dos aspectos fonéticos que diferenciam o tupi do litoral do Brasil do guarani das regiões paraguáias.

Note-se os diversos fenômenos de metaplasmo que as traduções de "no céu", apresentam. Em Montoya temos: apócope do *g* ao receber a locativa *pe* (*ybág* + *pe* = *ybápe*) ; em Betendorf aparece um *i* epentético (*ybák* + *i* + *pe*) ; em Saguier, Giacone e Costa Aguiar há o acréscimo de um *a* paragógico (*ybága* e *iuáca*). O nheengatú, como se pode ver na versão, conservou as características do tupi litorâneo (*k* final e *a* paragógico). A forma registrada por Saguier, indubitavelmente, é excepcional, pois o comum no guarani moderno é a elisão da consoante final.

Da forma omágua *ehuati-rami-kate* infere-se que, *ehuati* (alto, alta) pode ser alteração de *ybaté* ou *ybeté* (*yvaté*, no guarani moderno,

---

3) — Cf. Rivet, Paul, o. c.

4) — Stradelli, Ermano — *Vocabularios da lingua geral portuguez nheêngatú e nheêngatú portuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheenga-umbuêsáua mirĩ e seguidos de contos em lingua geral nheêngatú poranduua. In* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 104, vol. 158 (2.° de 1928), Rio de Janeiro, 1928. Cf. p. 584.

5) Almeida Nogueira, Batista Caetano de — *Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual"*, do Padre A. Ruiz de Montoya. *In* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VII, 1879-1880, Rio de Janeiro, 1879. Cf. p. 363.

6) "*Pai*, padre, es palabra de respeto, y con ella nombrã a sus viejos, hechizeros, y gente grave, corresponde a (*haí*) madre". Montoya, Antonio Ruiz de — *Tesoro de la lengua guarani.* Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann, Leipzig, 1876. Cf. p. 261. "Ao pay ou senhor, *paí*". Anchieta, o. c. p. 14v.

iuaté ou *iaté,* no nheengatú). Este vocábulo, sabe-se, significa alto, elevado ; no alto, em cima ; cimo, cume. Dada a dificuldade que representa a emissão do *y* (som gutural característico da língua) não é de estranhar-se a grafia *eh* para o referido som.

A permuta do *v* ou *b* por *u* e de *e* por *i,* é fenômeno fonético por demais comum. As diferentes grafias de *ehuati* que ocorrem no Padre Nosso e no Catecismo — *ehuate* e *eguate* — corroboram nossa asserção. (7).

Rami deve corresponder, em omágua, ao sufixo *mai,* o qual serve para formar grande número de adjetivos e também certos substantivos (8). Nota-se que *rami,* no Padre Nosso, só foi empregado uma única vez, enquanto que *mai* aparece diversas vezes, quer no Padre Nosso quer no Catecismo. Ao lado de *ehuati-rami-kate* lê-se, p. ex. : *ehuate-mai-ritama-kate,* na alta habitação (ocorre quatro vezes no Catecismo) ; *eok-mai,* nutrição ; *eraekma-mai-kana,* cousas más. Se, de fato, *rami* corresponder à *mai,* na frase *tanu papa ehuati-rami--kate* falta o substantivo *ritama,* presente em frases idênticas em outros trechos do Padre Nosso e do Catecismo. A tradução literal do Padre Nosso, tal como foi feita por Rivet, apresenta-nos *rami* com o sentido de habitação (*ehuati,* alto ; *rami,* habitação ; *kate,* na). Mas levando-se em conta a construção de frases de significação idêntica, como dissemos atrás, não nos parece possível traduzir *rami* por *habitação.*

Kate, segundo as notas gramaticais de Rivet (9), corresponde à *kotý,* para, do lado de, versus ; neste texto foi traduzida como locativa em, no, na. Sem dúvida alguma *kate* deve ser relacionada à *gotó,* semânticamente idêntica à *kotý,* e usada hoje em dia no guarani paraguaio. Em Mayans (10) corroborando esta asserção, encontra-se p. ex. : "*yvatégoto,* hacia arriba ; *yvýgoto,* hacia abajo". O primeiro exemplo identifica-se perfeitamente com *ehuati* ou *ehuate-kate,* no alto, em cima.

A locativa *pe* no nheengatú encontra-se muitas vezes com um *o* ou *u* protético. Com a primeira vogal registrou-a o Padre Giacone — *opé* — e com a segunda o Bispo Costa Aguiar — *upé.* Esta última forma encontramo-la também no Padre Nosso de "O Selvagem" (11) de Couto de Magalhães. Na mesma oração, todavia, ocorre a loca-

---

7) — Cf. Rivet, Paul, o. c. pp. 168/169.

8) — Idem o. c. pp. 173/174.

9) — Idem o. c. p. 174.

10) — Mayans, Antonio Ortiz — *Diccionario guarani-castellano, castellano-guarani.* 5.ª edicion, aumentada y corregida. Buenos Aires, 1945. Cf. p. 33.

11) — Couto de Magalhães, José Vieira — *O Selvagem* — *Curso da Lingua Geral segundo Ollendorf, comprehendendo o texto original de lendas tupis.* Rio de Janeiro, 1876. Cf. p. 142.

tiva sem o acréscimo de qualquer vogal. Confronte-se, p. ex. *yuáka opé* e *yuákape* (12).

Ereímbae é o particípio presente do verbo *ĩ*, estar, estar sentado, pousado. Pela formação deste vocábulo, verifica-se que os particípios construidos com a partícula *bae*, não admitem sòmente os índices da 3.ª pessoa, mas também os de 1.ª e 2.ª. Assim *ereímbae* = *reímbae*, traduz-se : tu que estás, tu és aquele que está. Betendorf preferiu usar a partícula participal *hár* e o verbo *ekó* (ser, estar), em sua forma absoluta — *tekó*. A expressão assim formada, *tekoár*, equivale semânticamente a de Montoya, embora verbo e particípio sejam diferentes. De valor semântico idêntico são também as formas registradas por Saguier, Giacone e Costa Aguiar. Os dois últimos empregaram o mesmo verbo usado por Betendorf, isto é, *ekó* (*ikó*), apenas revestido das características fonéticas com que se apresenta no nheengatú : *ikú*. *Uahá* posposta ao verbo, na versão de Costa Aguiar, é o sufixo que no nheengatú corresponde a *bae*, do qual parece ser alteração. Saguier, embora tenha feito uso da partícula *bae* — por apócope reduzida a *ba* — empregou o verbo *imé*, morfològicamente diverso dos usados pelos demais autores, mas pràticamente idêntico do ponto de vista semântico, pois tem sentido de existir, subsistir, estar.

Yuriti-mkui, do omágua, foi traduzida por habitando. Não nos foi possível identificar, morfològicamente, a palavra *yuriti* (habitar) com qualquer vocábulo tupi-guarani de significado pelo menos aproximado. Parece-nos que a primeira sílaba, no caso de se poder identificar o vocábulo como tupi-guarani, vem do verbo *jú*=*júb*, pousar. Isto, porém, é mera hipótese. *Mkui* = *mukui*, na acepção de Rivet (13), parece servir à formação do gerúndio de certos verbos e pode ser traduzido por sendo ou estando.

3 — *Imbojerobiaripýramo nde réra toikó* — Santificado seja o teu nome.

Imbojerobiaripýramo é forma participial do verbo *robiár* (crêr, acatar, venerar), com função de subjuntivo, visto a presença de *ramo*. Na partícula de particípio *pyr* houve apócope do *r*, motivo pelo qual temos a forma *pýramo*. Não fazendo exceção à regra geral de formação dos partcípios em *pýr*, o índice prefixo inicial *i* está presente no vocábulo em análise. O *i* intercalado entre o verbo e a partícula *pýr* é meramente eufônico, devendo-se acrescentar que o mesmo poderia ter sido dispensado, bastando para tanto a apócope do *r* final de *robiár*, como frequentemente acontece.

Betendorf para exprimir a mesma idéia valeu-se de forma participal idêntica, usando, porém, o verbo *moeté* = *mboeté* (honrar, engran-

12) — Idem, p. 142.
13) — Cf. Rivet, Paul, o. c. p. 176.

decer, glorificar). O mesmo verbo vamos encontrar em Saguier, não mais em forma participial, mas na voz reflexiva — *ñemboeté* — e no chamado modo permissivo ou mandativo — *taiñemboeté* — Com características nheengatús aparece também empregado pelo Bispo Costa Aguiar, precedido da partícula de reciprocidade *iu,* que corresponde ao *jo* do tupi-guarani meridional.

Poránga iaserúka, que ocorre na versão do Pe. Giacone, pode ser traduzido por invoquemos, invoquêmo-lo bem, pois *serúka* tem sentido de nomeado, chamado pelo nome.

Muča-mura, bendito seja, do omágua, não nos foi possível identificar com qualquer vocábulo tupi-guarani. *Mura,* no dizer de Rivet (14), parece ter o mesmo sentido do verbo ser. Quanto à *tenera,* o mesmo autor diz corresponder ao optativo do tupi-guarani, enquanto que Adelung (apud Rivet), traduz por *seja.* Se este último significado é o verdadeiro, então *tenera* poderá corresponder ao verbo *tené,* ficar fixo ou firme, fixar-se (provàvelmente oriundo da forma absoluta do verbo *ĩ,* ser ou estar, estar deitado).

Toikó usado por Montoya e Betendorf, é a 3.ª pessoa do modo permissivo do verbo *ikó* (ser). *Er = éra,* na forma absoluta *téra,* em todos os autores está precedido pelo pronome de 2.ª pessoa *nde = ne,* o que acarretou a mudança do *t* em *r,* de acôrdo com a regra geral conhecida. Merece reparos, neste particular, a forma *scira* do omágua. *Scira* corresponde à *séra* do nheengatú, significando nome, ou melhor, o seu nome, o nome dele, em vista da presença do índice possessivo *s.* Deveríamos por isso ter *ene réra* e não *ene scira.* Observação idêntica já foi feita por Couto de Magalhães, ao comentar o Padre Nosso, que vem na *Chrestomatia* de Ferreira França. Escreve aquele autor : "A segunda falta é *nde séra,* em lugar de : *nde réra,* porque *séra* só significa nome quando se refere a 3.ª pessoa" (15). Parece-nos que não se trata de êrro, pois no nheengatú generalizou-se o uso do *s* nas 1as. e 2as. pessoas e não sòmente nas 3as.. Na citada obra de Couto de Magalhães (p. 181), encontra-se, p. ex., na lenda "Jauti Tapiira Cahaiuára" a seguinte frase, que corrobora nosso afirmativa :

opúri renoné tapiíra sapiá opé
pulou adiante da anta escrotos nos

Evidentemente o *s* de *sapiá* parece estar erradamente empregado, pois atendendo-se às normas gerais da língua deveríamos ter : *tapiíra rapiá.* Verifique-se também o que registra Stradelli no seu *Vocabulário :* "*séra,* nome ; *mata ne séra?* *se séra João,* como é teu nome? o meu

---

14) — Cf. Rivet, Paul o. c. p. 176.
15) — Cf. Couto de Magalhães, José Vieira, o. c. p. 142.

nome é João" (16). No mesmo *Vocabulário* está registrado : *se setáma,* minha pátria, concomitantemente com *ne retamauára,* teu patrício (17).

4 — *Toú nde rekó marangatú orêbe :* Venha a nós o teu reino.

Toú = *toúr,* 3.ª pessoa do permissivo do verbo *úr,* vir. *Rekó* é o relativo de *ekó* ou *ĩkó,* que se traduz por ser ou estar, e também como substantivo : estado, regra. Se *marangatú* quer dizer bom, honrado, virtuoso, literalmente *nde rekó marangatú* traduz-se por teu estado ou reino bom ; teu reino virtuoso, santificado. Betendorf foi o único, dos autores em estudo, que preferiu não verter a palavra reino, antepondo-lhe apenas o possessivo de 2.ª pessoa.

No omágua *ritama* traduz o sentido de reino, pois é a forma relativa de *etã,* região, país, terra. O verbo *úr,* neste dialéto, apresenta-se com um *i* final, o qual nos parece corresponder ao *i* breve paragógico de outros vocábulos, e, consequentemente sem função semântica. A forma correspondente a *orêbe* é *tanu-in,* a nós, para nós. *In,* conforme as notas gramaticais de Rivet (18) corresponde à pospositiva *i* do tupi-guarani, tendo ambas as partículas funções idênticas as da locativa *pe.*

A perífrase da versão de Saguier "venha a nós o teu reino" contém, a nosso vêr, vocábulos perfeitamente dispensáveis sem prejuizo do sentido da oração. A tradução da perífrase é esta : venham a nós tôdas as cousas bonitas de teu país (*toú orêbe mbaé porã pabẽ ne retameguá*).

A tradução da frase correspondente, na obra do Padre Giacone, está incompleta, pois foi omitido, provàvelmente por engano tipográfico, o substantivo equivalente a "reino". *Reiúri iané píri* só admite a tradução "venha a nós". *Píri* além de diversos significados, indica, segundo Stradelli (19), proximidade, embora não com precisão absoluta, e dentro desta significação pode ser usado em lugar de *resé.* Daí a tradução *iané piri* por "venha a nós".

Bastante preciso foi o Bispo Costa Aguiar na versão da palavra "reino", valendo-se do substantivo *iára,* dono, senhor e *sáua,* forma nheengatú da partícula *hába* do tupi-guarani meridional, que significa pouso, lugar. *Iarasáua* quer dizer : o pouso do Senhor, o lugar do Senhor. *Árape* podendo ser traduzido por sôbre, *iúri ne iarasáua iané árape,* significará : venha teu reino sôbre nós.

---

16) — Cf. Stradelli, Ermano, o. c. p. 413.
17) — Idem, p. 415.
18) — Cf. Rivet, Paul, o. c. p. 174.
19) — Cf. Stradelli, Ermano, o. c. p. 53.

5 — *Nde remimbotára tijajé ybype ybápe ijajé jabẽ* = Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu.

O verbo *potár*=*mbotár*, querer, desejar, precedido do prefixo participial *temi*, é frequentemente traduzido como substantivo. Daí a tradução de *temimbotára* por vontade, desejo. Como está com o pronome em genitivo, ocorre a troca do *t* por *r*, de acôrdo com a regra geral. *Tijajé*, que se cumpra, que seja feito ou feita, é a forma permissiva do verbo *ajé*, cumprir-se, executar-se, ser feito. *Ybý*, terra, e *ybá*=*ybág*, céu, estão regidos pela pospositiva *pe*, em, no, na. *Jabẽ* é o advérbio assim, conforme, como.

A versão dada por Betendorf diferencia-se da de Montoya apenas pelo emprego do verbo *moñã*=*moñáng*, fazer, em vez de *ajé*.

Ene putari, do ómagua, corresponde a *nde potár* do tupi-guarani meridional. Céu foi vertido pela já citada perífrase *ehuate-mai-ritama*, alta habitação, enquanto que *tuyuka ritama* é a versão de terra, isto é, habitação baixa. No Vocabulário Omágua (20) *tuyuka* apresenta-se com duas acepções : baixo e terra. No Padre Nosso está traduzido de acôrdo com a primeira acepção, e isto, julgamos, para melhor evidenciar ao espírito indígena, a diferença entre a habitação alta ou céu e a habitação baixa ou terra. *Tuyuka* á a forma que tomou no omágua o substantivo *tujúg*, em português *tijuca* ou *tijuco*, e que significa pròpriamente lodo, barro. Por extensão de idéia é que pode ser traduzido por terra. Provàvelmente não faz parte do vocabulário dêste dialeto a palavra tupi-guarani *ybý*, designativo genérico de terra.

Tojejapó, da versão de Saguier, traduz a mesma idéia de *toñemoñáng* de Betendorf e *tijajé* de Montoya, pois é a forma reflexiva na 3.ª pessoa do modo permissivo, do verbo transitivo *japó*, fazê-lo. Tendo *hekó* sentido de estado, norma, lei, podemos ter a seguinte tradução : faça-se sua lei (*tojejapó hekópe*), conforme (*upé*) sua vontade (*ne rembipotá*), no céu (*ybágape*) assim (*upéicha*) também (*abeí*) sôbre (*ári*) esta terra (*ko ybý*).

Giacone e Costa Aguiar usaram os mesmos vocábulos para verterem este trecho do Padre Nosso. Note-se em suas versões o registro de *opé* e *upé*, em, no, na, *mahi* e *mahié*, como, interessante para estudos fonéticos do tupi-guarani. *Iké* é advérbio de lugar : aqui, cá.

6 — *Oré rembiú ára ñabonguára emeẽ koára pýpe orébe* — O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Tembiú, forma de particípio passivo do verbo *ú*, comer. Sendo muitas vezes traduzido por substantivo, *tembiú* aqui está como

20) — Cf. Rivet, Paul, o. c. p. 153 e 167.

alimento, comida, pão. *Oré rembiú,* nossa comida, pão nosso. *Ñabonguára* (*ñabõ,* cada, *guára,* o que é de, pertencente a) traduz-se : pertencente à cada, de cada um. *Ára ñabonguára* significará : de cada dia. *Emeẽ* é a 2.ª pessoa do imperativo do verbo *meẽ,* dar, e *pýpe* equivale à pospositiva *pe.*

Iabiondoára, da versão de Betendorf, é a forma corrente no tupi litorâneo equivalente à *ñabonguára.* A permuta *i* (*j*) = *ñ,* aliás, é comum no tupi-guarani, isto porque, o primeiro fonema quando seguido por uma nasal, quase sempre nasaliza-se.

Entre o índice pronominal *e* e o verbo *meẽ* Betendorf intercalou o *i* indicador de transitividade, o que não ocorre em Montoya. Aquele autor empregou também outro advérbio de tempo, pois em vez de *koára* temos *korí,* agora, momento, instante, logo. *Korí* ou *kurí* no nheengatú é o advérbio de uso mais frequente para a formação do futuro dos verbos.

Eok-mai, alimento, nutrição, do omágua, tal como está registrado no Padre Nosso, não parece ser vocábulo tupi-guarani. No "Vocabulário", todavia, lê-se também *eo-mai,* o que nos leva a aventar a hipótese de que o *o,* talvez seja abrandamento do verbo *ú,* comer, beber. *Supé,* a, para, ainda do Padre Nosso em omágua, é posposição de dativo. Corresponde a *hupé* (embora esta forma não seja usada, tendo sido substituida por *chupé* ou *ichupé*), que significa pròpriamente a ele, para ele. *Supé* é de uso corrente no nheengatú.

Ñabõ araguá, da tradução de Saguier, são os vocábulos que exprimem a idéia "de cada dia". *Araguá* traduz-se por : diuturno, diariamente.

Chimbiú, conforme ocorre na versão do Padre Giacone, parece ser contração de *che rembiú,* minha comida, meu pão, ou então, variante fonética de *sembiú,* forma nheengatú de *hembiú,* sua comida, comida dele.

Miapé, empregado pelo Bispo Costa Aguiar como designativo genérico de pão, indica pròpriamente, no nheengatú, certo bolo feito de mandioca (21). No tupi-guarani meridional ocorre sob a forma *mbujapé. Ára iaué,* ainda da versão de Costa Aguiar, significa cada dia, e *uhihí* (Giacone e Costa Aguiar), é a forma com que se apresenta no nheengatú o advérbio *ojeí* = *jeí,* hoje. *Árama* tendo sentido de por, para, por causa de, corresponde às partículas *upé* e *rehé.*

7 — *Nde ñyrõ oré iñangaipábae upé, orébe marãhár upé oré ñyrõ nungá* = Perdoai as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores.

Ñyrõ funciona como verbo : perdoar, poupar, ou como adjetivo : apaziguado, aplacado, abrandado. *Angaipá* é o vocábulo do qual

21) — Cf. Stradelli, Ermano, o. c. p. 280.

se utilizaram os padres catequistas para a tradução de "pecado". Consequentemente, *iñangaipábae* traduziremos por aquele que peca, o pecador.

Marãhár, composto de *marã* e *hár*, traduz o sentido de devedores, isto é, aqueles que nos magoam, os que nos fazem mal. Batista Caetano (22) assevera que melhor teria sido usar *momarãhár* e não *marãhár*, porque *momarã* significa fazer mal, prejudicar, enquanto *marã* quer dizer mal, dano. *Nungá* equivale ao advérbio ou a conjunção como.

Na forma de Betendorf o vocábulo correspondente à *marãhár* é *memoãsára*. *Memoã* ou *memuã* ou ainda *menguã*, significa estragado, ruim, perdido, deteriorado, corrompido. Seguido pela partícula *sára* (*hára*), significa : o que corrompe, o que ofende, o ofensor. Note-se ainda que Betendorf escreveu : perdoa nossos pecados (*nde ñyrõ oré angaipába*) e não, perdoai a nós que somos pecadores (*nde ñyrõ oré iñangaipábae*) como o fez Montoya.

No omágua o vocábulo mais fàcilmente identificável como tupi-guarani, é *sahuayara*, inimigo. No nheengatú, p. ex., temos *suaiana*, *suainhana*, inimigo, estrangeiro, e *suaiuára*, de além, europeu (23), correspondente à *tobajára*, *sobajára*, *sobajána* do tupi da costa. Parece não haver dúvida ser *sahuayara* simples alteração destes vocábulos.

Kana semânticamente corresponde à *kuéra*, pois, segundo Rivet, também serve para formar plural. Logo teremos *sahuayara-kana* = inimigos. *Kuéra* ocorre na versão de Saguier para designar plural de pecado (*angaipá kuéra*) e de inimigo (*amotarey kuéra*). *Amotareỹ* é a forma negativa de *amotár* = *ambotár*, (derivado de *potár*, com o pref. *a*, segundo Batista Caetano), querer, querer bem, significando, portanto, não querer bem, malquerer, ser inimigo de. Parece-nos que melhor teria sido usar a forma participial *ambotareýmbar*, o que não quer bem, o inimigo, o adverso. É interessante que Saguier registre *ybága*, *ybý*, *abeí*, *ibaí*, uma vez que é fato corrente no guarani esses vocábulos serem pronunciados *yvága*, *yvý*, *aveí*, *vaí*.

No Padre Nosso de Giacone e do Bispo Costa Aguiar salienta-se à primeira vista o emprego dos vocábulos híbridos *reperdoari*, *japerdoari* e *pecadoitá*. *Itá* corresponde a *etá*, partícula que exprime pluralidade. *Ruianiana* é, sem dúvida, o mesmo *ruainhana* ou *suainhana* já analizados.

Para exprimir pecado Costa Aguiar utilizou-se de *uatári*, forma nheengatú de *guatár*, andar, caminhar, faltar. Aqui está no sentido dos substantivos falta, erro, pecado. Em Stradelli, p. ex. ocorre : "*uatare*, faltado ; *uataresáua*, falta" (24). *Amuitá uatári*, traduzir-se-á, então : falta dos outros, dívida dos outros.

22) — Cf. Almeida Nogueira, Batista Caetano de, o. c. p. 104.
23) — Cf. Stradelli, Ermano, o. c. pp. 648/649.
24) — Idem, p. 697.

8 — *Haé oré poejár ymé toremboá ymé angaipá. Oré pysyrõ epé katú mbaé pochý gui* = E não nos deixeis cair em tentação. Livrai-nos do mal.

Poejár é o verbo deixar, abandonar, desamparar, soltar. *Haé oré poejár ymé* corresponde, portanto a : e não nos desampare. Há evidente engano tipográfico na frase *toremboá imegan oaipá* da tradução de Montoya, pois o exato é *toremboá ymé angaipá. Toremboá* é a forma da 1.ª pessoa do plural, exclusiva, do verbo *mboár*, fazer nascer, ocorrer, cair. *Epé* é o pronome agente da 2.ª pessoa do singular quando a 1.ª é paciente. Sendo *pysyrõ* o verbo livrar, teremos : nos (*oré*) livra (*pysyrõ*) tu (*epé*) bem (*katú*) cousas (*mbaé*) más (*pochý*) de (*gui*).

Betendorf usou o verbo *moár* = *mboár*, seguido da pospositiva *ukár*, a qual significa : causar, mandar, obrigar, fazer com que. Portanto, *mboár ukár ymé* também admite a tradução : não nos deixe cair. *Jepé* é o mesmo que *epé*, enquanto *pupé* é a forma tupi de *pýpe*, em, no, na. O *te* que vem em seguida ao verbo *pysyrõ* significa, certamente, pois, decerto. *Mbaé aíba suí* equivale à *mbae pochý guí*, de cousas más.

Na tradução omágua diversos vocábulos podem ser identificados como tupi-guaranis. *Isari* evidentemente é o verbo *ejár* atrás analizado. *Ukukui*, parece-nos ser exatamente o mesmo verbo tupi-guarani *kukúi*, cair, frequentativo de *kúi*. O *mai*, que ocorre em *eraekma-mai*, provàvelmente é variante fonética de *baí*, visto ser comum, no tupi-guarani, a permuta das labiais. Considerando que *asý* significa doer, penar, padecer, *ajaisi* (más) bem pode ter sido composto por este vocábulo. Finalmente temos *marae*, cousa, que pode ser alteração de *mbaé*.

Pyaraã, da versão de Saguier, traduz o sentido de tentação, pois seu significado próprio é : tentar o coração, instigar, seduzir. Em vez de *ymé*, este autor empregou a negativa *aní*. *Haguáme* é o futuro de *háb* (tempo, lugar, modo), seguido da pospositiva *pe* = *me*. *Ta upéicha* corresponde à amen, ou melhor, assim seja.

A negativa das versões nheengatús está representada pela partícula *tehẽ*, a qual, pròpriamente, significa debalde, em vão. *Tehẽ* ou *teẽ*, segundo Batista Caetano (26), é a variante tupi do advérbio *teĩ*, em erro, em falso, erradamente, sem motivo, debalde. Com esta última acepção registra-a também Stradelli (27). Que *tehẽ* no nheengatú é usada no sentido de não, vemos claramente nos "Mandamentos da Lei de Deus", que se acham no "Catecismo" do Padre Giacone. Encontra-se nesta obra, p. ex. : não matar (*tehẽ reiuká miraitá*) ;

---

26) — Cf. Almeida Nogueira, Batista Caetano de — *Vocabulário*, o. c. p. 504.
27) — Cf. Stradelli, Ermano, o. c. p. 672.

não pecar contra a castidade (*tehẽ remuñã puchisáua*) ; não furtar (*tehẽ remundá*), etc. (28).

Um exemplo de provincialismo, ou de hábito fonético próprio dos autores, têmo-lo no verbo *ejár*, deixar, registrado *rechári* por Giacone e *rechiári* pelo Bispo Costa Aguiar. *Chiáre* ou *chiári* são as formas registradas por Stadelli. *Iaári* corresponde ao *jaá*, caímos, do tupi-guarani meridional. *Uaári*, da versão de Giacone, também tem o mesmo sentido, parecendo-nos, todavia, ser variante fonética de *oár*, 3.ª pessoa do verbo *ár*.

Sekú puchí, que ocorre no texto de Costa Aguiar, é alteração de *hekó pochý*, o estado ruim, o ser ruim, a tentação. *Kiti* é partícula locativa, em, no, na. *Pisirú*, do nheengatú, equivale a *pysyrõ*, enquanto *upaĩ* ou *upaiñẽ* são as interessantes formas com que passou para o nheengatú a partícula *opá*, todos, todas, tudo. *Mahã* corresponde a *mbaé*.

Pelo ligeiro exame destas versões do Padre Nosso põe-se em evidência, além da unidade do tupi-guarani, a sua pouca corruptibilidade, pois as mudanças que nele notamos no espaço de tempo compreendido entre 1640-1946, não podem ser consideradas verdadeiras corrupções, uma vez que constam principalmente do "aparecimento" ou "desaparecimento" de fonemas e de algumas "transformações de ressonância".

---

28) — Cf. Giacone, Padre Antonio, o. c. e também Costa Aguiar, o. c. p. 41. As páginas do "Catecismo" do Pe. Giacone não são numeradas.

SUMMARY

The present notes contain text and comments of six tupi-guarani translations of the Lord's prayer, each of which is representative of a certain epoch and region.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura